Revista Café com Sociologia | v.14| pp. 01-06 | Jan./dez., 2025 | ISSN: 2317-0352
Artigo licenciado sob a Licença Creative Commons 4.0

Volume 14, jan./dez. 2025
ISSN: 2317-0352

Recebido em: 10/04/25
Aprovado em: 30/05/25
Publicado em: 20/06/25
e-Location: e-1523

Editor responsável:
Roniel Sampaio-Silva

ENTREVISTA

Weber e a educação científica: uma entrevista com Joaquín Abellán

Cristiano das Neves Bodart
https://orcid.org/0000-0002-2195-2145
Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).
Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
E-mal: cristianobodart@gmail.com

Síntese biográfica

Joaquín Abellán García é professor catedrático emérito de Ciência Política na Universidad Complutense de Madrid (UCM). Formou-se em Filosofia e Letras, Ciências Políticas e Direito, doutorando-se em Ciências Políticas pela UCM em 1978. Especialista na história dos conceitos políticos, dedicou-se ao pensamento político alemão, com ênfase nas obras de Wilhelm von Humboldt, Immanuel Kant e Max Weber. Traduziu e editou importantes textos de Weber, como A ética protestante e o "espírito" do capitalismo e Sociologia do poder. Realizou estágios de pesquisa em instituições como a Universidade de Freiburg e o Instituto Max-Planck.

Síntese biográfica

Joaquín Abellán García es profesor catedrático emérito de Ciencia Política en la Universidad Complutense de Madrid (UCM). Se licenció en Filosofía y Letras, Ciencias Políticas y Derecho, y se doctoró en Ciencias Políticas por la UCM en 1978. Especialista en la historia de los conceptos políticos, se ha dedicado al pensamiento político alemán, con especial atención a las obras de Wilhelm von Humboldt, Immanuel Kant y Max Weber. Ha traducido y editado textos fundamentales de Weber, como La ética protestante y el "espíritu" del capitalismo y Sociología del poder. Realizó estancias de investigación en instituciones como la Universidad de Friburgo y el Instituto Max-Planck.

Artigo licenciado sob a Licença Creative Commons 4.0

SOBRE O ENTREVISTADO

Joaquín Abellán García, nascido em Molina de Segura, Múrcia, em 20 de setembro de 1947, é um destacado acadêmico espanhol com uma trajetória multifacetada nas Ciências Humanas.

Sua formação acadêmica é ampla e diversa: formou-se em Filosofia e Letras em 1972, em Ciências Políticas em 1976 e em Direito em 1987. Posteriormente, obteve o título de doutor em Ciências Políticas pela Universidade Complutense de Madri (UCM) em 1978.

Inicialmente, Abellán trabalhou na Administração Pública, atuando na Presidência do Governo da Espanha após ser aprovado em concurso público. No entanto, sua vocação acadêmica o levou a se dedicar por completo à Universidade Complutense de Madri, onde alcançou o cargo de catedrático na Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia. Sua carreira acadêmica se caracteriza por uma profunda dedicação à história dos conceitos políticos, especialmente no contexto alemão.

Sua tese de doutorado foi centrada em Wilhelm von Humboldt, abordando não apenas sua visão educacional, mas também sua concepção do Estado, sua crítica ao absolutismo e suas propostas políticas para a Prússia. Para aprofundar seus estudos, Abellán realizou estadias de formação e pesquisa em diversas instituições alemãs de renome, incluindo a Universidade de Freiburg im Breisgau, o Instituto Max-Planck de História em Göttingen, o Instituto de História Europeia em Mainz e a Universidade Humboldt de Berlim.

Ao longo de sua carreira, Abellán se destacou como tradutor e editor de obras fundamentais de teóricos políticos alemães, com especial ênfase em Max Weber. Entre suas contribuições mais notáveis estão as traduções de A ética protestante e o "espírito" do capitalismo (última edição 2025), Conceitos sociológicos fundamentais (2006) e Sociologia do poder: os tipos de poder legítimo (última edição 2023) e O político e o cientista (A ciência como profissão. A política como profissão) (última edição 2021). Seu livro Poder e política em Max Weber (2004) está sendo reelaborado e ampliado para uma monografia de próxima publicação, na qual são oferecidas novas perspectivas sobre a interpretação do pensamento weberiano.

Abellán também contribuiu significativamente para a compreensão de outros pensadores alemães, como Immanuel Kant, editando e traduzindo obras que aprofundam a análise de conceitos políticos fundamentais. Sua dedicação à história dos conceitos políticos e à teoria política alemã consolidou sua posição como uma referência acadêmica na Espanha e internacionalmente.

Artigo licenciado sob a Licença Creative Commons 4.0

Atualmente, Joaquín Abellán continua ativo na pesquisa e no ensino, sendo catedrático (emérito honorífico) de Ciência Política na Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia da Universidade Complutense de Madri.

ENTREVISTA

Cristiano Bodart: *Apesar de Weber não ter escrito um livro específico sobre educação, suas formulações teóricas têm sido amplamente utilizadas nesse campo. Quais aspectos de sua obra você considera mais produtivos para pensar a educação desde uma perspectiva weberiana?*

Joaquín Abellán: Acredito que o mais importante, se quisermos entender o que Weber pensava, não é tanto o sistema universitário em si, mas sim a ciência que é transmitida na universidade. Para mim, esse é o tema mais central em Weber. E isso, no fim das contas, está ligado à sua concepção de ciência e, em particular, da ciência social.

Essa abordagem está presente em A ciência como profissão, uma conferência que Weber proferiu em 1917, durante a guerra. No entanto, o tratamento que ele dá nessa conferência coincide em parte - ou se cruza - com outro artigo seu desse mesmo ano, publicado na revista Logos, uma revista internacional de filosofia na qual escreviam filósofos neokantianos como Rickert e, em sua primeira fase, Wittgenstein, antes de suas mudanças na década de 1920.

Por isso, esses textos devem ser lidos em conjunto: a conferência A ciência como profissão, o artigo de 1917 na Logos e o ensaio Sobre a objetividade do conhecimento na ciência social e na política social, de 1904, um dos primeiros que ele escreveu. Os três se complementam, porque em parte se repetem. No fim das contas, abordam como Weber concebe a ciência social de forma distinta de seus predecessores: distinta dos historiadores, distinta dos filósofos..

Cristiano Bodart: *Poderia explicar melhor essa distinção feita por Weber?*

Joaquín Abellán: Às vezes, tentou-se apresentar Weber como um filósofo neokantiano. É verdade que ele teve influência dos neokantianos que conheceu em Freiburg e Heidelberg, quando foi professor, e que adotou deles certos termos, mas com um significado totalmente diferente. Ele mesmo se autodefinia como sociólogo.

É importante revisar esses escritos, porque os próprios filósofos - fossem filósofos do direito, da cultura ou neokantianos como Rickert - viam Weber não como um filósofo, mas como um empirista. E, de fato, nesses textos, Weber sempre delimita o que a ciência social pode e não

Artigo licenciado sob a Licença Creative Commons 4.0

pode fazer. Em parte, busca aproximá-la da ciência natural no que diz respeito à sua capacidade de explicar um fenômeno por suas causas ou consequências. Mas, ao mesmo tempo, a distingue da ciência natural, porque seu objeto de estudo não permite estabelecer leis gerais.

O conhecimento estatístico dos acontecimentos pode fornecer informações relevantes, mas não é o objetivo central da ciência social. Seu objeto de estudo é determinado pela sua relação com os valores dominantes na sociedade. E, como esses valores mudam com o tempo, a ciência social - e seus conceitos - também mudam.

Por isso, Weber a considera uma ciência jovem, permanentemente jovem. Suas ferramentas e conceitos evoluem junto com os valores estabelecidos, os valores de aceitação geral em uma sociedade, e os cientistas sociais precisam necessariamente construir novos conceitos.

Nesses três escritos que mencionei - a conferência de 1917, o artigo na Logos do mesmo ano e o ensaio sobre A objetividade do conhecimento na ciência social - fica claro como Weber busca delimitar o estatuto da ciência social. Isso inclui a sociologia, a economia e outras disciplinas próximas a ele, como a história, a teoria do Estado e a ciência da cultura. São essas as ciências sobre as quais ele reflete e que lhe causam preocupação.

Weber quer estabelecer algo novo, e a tradição demonstrou que, de fato, ele conseguiu. Sua proposta representa uma ruptura com o historicismo, tanto como teoria da história quanto como método de estudo, e se distancia da filosofia. Ele mesmo afirmava: “Eu não sou filósofo”. Seu interesse está em conhecer os valores dominantes na sociedade, já que o objeto de estudo da ciência social se constrói a partir dessa perspectiva. Mas analisar esses valores em si, seu conteúdo ou sua hierarquia, é tarefa dos filósofos. Weber não nega que se estudem os juízos de valor, as ideologias ou as concepções de mundo, mas deixa claro que esses podem ser tratados como os demais objetos de estudo da sociologia, ou seja, analisando-os e explicando-os por seus motivos e consequências, sem, por sua vez, fazer juízos de valor.

Por isso, se ele introduz uma nova perspectiva para analisar a sociedade, a sociologia, a história ou a cultura, não o faz como filósofo. Embora conhecesse bem a Filosofia - especialmente a neokantiana -, não entra em discussões sobre a hierarquização dos valores ou as tensões entre eles. Sua constatação é que a sociedade está marcada por um pluralismo de valores, um “politeísmo de deuses” em constante luta, o que impede que a ciência social estabeleça um critério para determinar qual valor é superior a outro. Esse, acredito, é o tema central de Weber.

Cristiano Bodart: *Então, Weber era crítico de uma educação que vá além da transmissão dos conhecimentos científicos?*

Artigo licenciado sob a Licença Creative Commons 4.0

Joaquín Abellán: Sua crítica se dirige à concepção de ciência que os humanistas e os professores universitários alemães do século XIX tinham. Segundo Weber, esse modelo já havia mudado radicalmente. No neohumanismo e no idealismo alemão, a ciência tinha um efeito formativo: servia para a construção da pessoa. O conhecimento científico moldava o indivíduo. Mas a especialização progressiva das ciências tornou impossível que a ciência continuasse cumprindo essa função formativa.

Essa é uma mudança fundamental na concepção de ciência entre o idealismo alemão e sua aplicação na universidade. Na universidade alemã, o ensino continuava estruturado em torno de duas atividades: a Vorlesung e o seminário. A Vorlesung - que ainda se mantém; eu mesmo estive como convidado por cinco semestres na Universidade Humboldt de Berlim e ela continua vigente - consiste em uma aula magistral, onde o professor expõe conhecimentos já elaborados por ele ("maduros para serem publicados"). No entanto, o centro da formação é o seminário, onde se levantam questões, discutem-se ideias e os estudantes trabalham diretamente com as fontes. É aí que ocorre a verdadeira aprendizagem, pois implica uma participação ativa, ao contrário da Vorlesung (aula) tradicional..

Cristiano Bodart: *Weber se referia ao sistema educativo como um todo ou ao modelo universitário alemão?*

Joaquín Abellán: Weber analisa o modelo universitário e critica seus próprios mestres, como Heinrich von Treitschke, um historiador que, segundo ele, ia além do que deveria ser a ciência. Esses professores, em sua opinião, não faziam apenas ciência, mas também ideologia ou, em termos mais coloquiais, política. Ou seja, transmitiam valores políticos e posturas ideológicas em vez de se limitarem à análise científica.

Aqui volta a aparecer o tema central de Weber: definir com precisão o que é a ciência social e quais são seus limites. O próprio professor Wolfgang Schluchter destacou que Weber defendia que a ciência social e o professor universitário deveriam manter uma autolimitação, um autocontrole de caráter ascético. Ou seja, não deveriam ultrapassar os limites do que a ciência pode oferecer.

Enquanto na universidade alemã do século XIX os professores cruzavam essa linha, hoje seguimos vendo algo semelhante. Muitos docentes adotam um compromisso social que os leva a tentar transformar o mundo e a realidade injusta por meio de sua atuação acadêmica. Mas Weber sustenta que a ciência social não pode oferecer aquilo que alguns esperam dela.

Artigo licenciado sob a Licença Creative Commons 4.0

Cristiano Bodart: O que deveriam, então, esperar os estudantes universitários de seus cursos e professores?

Joaquín Abellán: Por isso, mais do que se interessar pelas reformas internas da universidade (sobre as quais também escreveu em seu momento), ele insiste que os estudantes não devem procurar na universidade profetas ou guias morais. Não devem esperar de seus professores juízos de valor nem orientações sobre como agir. O professor não é um profeta nem um mestre no sentido de formar moral e intelectualmente os estudantes como guias para a ação política. Cada pessoa deve tomar suas próprias decisões nesse aspecto.

Weber reconhece que vivemos em um mundo pluralista, com múltiplas concepções de mundo (Weltanschauungen), e que, se existem tantas visões diferentes, é impossível estabelecer uma única verdade universal. Poderíamos dizer que, se a ciência social pudesse determinar uma concepção de mundo, existiria apenas uma - a científica - e todas as demais estariam invalidadas. Mas esse não é o caso. É, mais uma vez, a afirmação de que a ciência social não tem capacidade para fundamentar as concepções de mundo.

Esse pluralismo de valores, comparável ao politeísmo da Antiguidade grega ou romana, demonstra que a função do professor não é impor uma visão de mundo, mas reconhecer a diversidade existente e analisá-la/explicá-la. A decisão de se envolver na política ou de aderir a uma determinada concepção de mundo é pessoal e não pode ser fundamentada na ciência.

Esse é o ponto crucial. Alguns se perguntam se Weber queria ou não uma ciência social comprometida com a política. A resposta é que a ciência social simplesmente não pode oferecer isso.

Cristiano Bodart: Muito obrigado por esta enriquecedora entrevista.

Madri, 12 de fevereiro de 2025